

Um estudo sobre a qualidade de vida de alunos de pós-graduação na área de Ensino: impactos e possíveis desdobramentos

A study on the quality of life of postgraduate students in Science Education: impacts and possible consequences

Beatriz Saleme Corrêa Cortela¹
Talamira Taita Rodrigues Brito²
João Manoel da Silva Malheiro³

Resumo

Este artigo visa discutir os impactos das exigências dos cursos de pós-graduação sobre a Qualidade de Vida (QV) de alunos, inferir possíveis impactos e sugestões de encaminhamentos. Trata-se de um excerto de uma investigação que teve como foco a formação de docentes para o ensino superior, sob diferentes ângulos, abordando resultados numa perspectiva quali-quantitativa. Teve como participantes uma amostra (27,12% do universo) de alunos ingressantes num programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, referência na área. Os dados foram constituídos no final de 2019 a partir da aplicação de questionário WHOQOL-BREF, validado pela Organização Mundial da Saúde, e análise de notas de campo constituídas durante uma disciplina ofertada pelo programa. Verificou-se que a QV dos entrevistados pode ser considerada mediana: próxima a 60 pontos (1 a 100), sendo os indicadores dos homens menores que os das mulheres; a maioria dos entrevistados sentia dor e desconforto, fazendo uso de medicamentos; apresentava dificuldades na realização de atividades cotidianas; o produtivismo, o fator tempo, dentre outros, fazem parte dos elementos estressores. Defende-se que os programas/universidades devam propor movimentos articulados junto às agências reguladoras, visando melhoria dos instrumentos e critérios avaliativos, além de atividades de acolhimento, buscando acompanhar os alunos e minimizar os fatores estressores no ambiente acadêmico.

Palavras chave: vida de estudante; formação de professores; CAPES.

Abstract

This article aims to introduce the impacts of the courser's postgraduate requirements on the postgraduate Quality of Life (QL), infer possible impacts and suggestions for referrals. This is an excerpt from an investigation that focused on the training of teachers for higher

¹ Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru | email@doautor.com

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié | taitadoc@gmail.com

³ Universidade Federal do Pará | joaomalheiro@ufpa.br

education, from different angles, approaching results from a qualitative and quantitative perspective. It had as participants a sample (27.12% of the universe) of students entering a postgraduate program in Science and Mathematics Teaching, a reference in the area. The constitution of the data was made at the end of 2019 based on a questionnaire WHOQOL-BREF, validated by the World Health Organization, and by field notes constituted in one offered disciplined. Checked that the QL of the participants: which can be considered a median, close to 60 points (1 to 100); with men's indicators smaller than those offering women's; most had of them felt pain and were using medication and presented difficulties in carrying out daily activities; productivism, the time elements factor, among others, are part of the stressors elements. It is argued that hat programs/universities that monitor these movements need to articulate with the regulatory agencies, improve rating criteria instruments and use welcoming activities targeting students, minimizing stressors in the environment.

Keywords: student life; teacher training; CAPES.

Introdução

Entre os anos de 1930 e 1970, a pós-graduação assenta-se como política de formação de novos pesquisadores, em especial, o parecer 977/65⁴ de Newton Sucupira, um marco referencial que sustentou toda a trama de pensar os cursos especialização, mestrado e doutorado no Brasil. Desde a Reforma Universitária (Lei 5540/68)⁵ e dos acordos entre Brasil e Estados Unidos (MEC-USAID), a pós-graduação tem sido pensada, principalmente, como meio de formação de novos pesquisadores e professores para ensino superior, além do fortalecimento de grupos de pesquisas.

Em seu processo de desenvolvimento, os cursos de pós-graduação foram apresentando seus contrastes entre as diferentes regiões do país, entre áreas do conhecimento mais e menos valorizadas, em termos de financiamentos, entre outros. A construção de escalas de avaliação de artigos, livros e outras produções ganharam cenários de destaques diversos na consolidação de uma suposta política de qualidade.

O Qualis Periódicos⁶ e de eventos, criado em 1998, passou a balizar as atividades acadêmicas de docentes e pós-graduandos, ocasionando uma supervalorização da produção como meio de validar os esforços e as condições para os que os cursos se mantenham ativos e consigam bolsas e verbas públicas. Como saldo, as produções de artigos em revistas com boa qualificação viraram uma espécie de moeda de troca pelo selo de qualidade: quanto mais se publica em tais revistas, mais o programa ganha visibilidade e mostra ter condições de continuar na corrida para atingir os critérios de avaliação

⁴ Tal parecer apresentava uma reorganização do sistema de pós-graduação brasileira, estabelecendo dois níveis de formação: Lato Sensu para especialização e aperfeiçoamento e Stricto Sensu para os níveis de mestrado e doutorado (GUERRA, 2016).

⁵ O Parecer de 431/66 reordena o tempo de formação para os mestrados e doutorados (2 e 4 anos, respectivamente), bem como a lei da Reforma Universitária (lei 5540/68), que institucionalizou a indissociabilidade entre ensino e pesquisa (GUERRA, 2016).

⁶ Plataforma de avaliação da qualidade das produções escritas dos pesquisadores brasileiros, conceituados em níveis A, B, e C. As críticas são complexas e ainda não é uma dimensão pacificada entre as diversas áreas de conhecimento e a CAPES. Atualmente, foram adotados novos critérios e as discussões e críticas continuam.

determinados. É o 'efeito Matheus', termo usado em 1968, e que faz uma analogia entre os pesquisadores mais célebres, que tendem a receber mais reconhecimento e recursos financeiros por suas atividades acadêmicas em relação aos pesquisadores pouco conhecidos, acumulando maior capital, e a parábola dos talentos, presente no evangelho de Matheus (MERTON, 1977).

Proporcionalmente a esse comportamento, algumas situações vêm sendo expostas por meio de pesquisas associadas aos desdobramentos dessa crescente supervalorização da produção de trabalhos acadêmicos e aceleração da vida na universidade, em especial, seus programas de pós-graduação. Parte desses está associada à qualidade de vida (QV) que os pós-graduandos vêm experimentando e, aqui, empreendemos esforços visando contribuir para uma reflexão mais crítica sobre aquilo que nos incomoda enquanto acadêmicos, e que diante das circunstâncias estabelecidas pelos órgãos de fomento e controle (especialmente a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES), terminam por neutralizar nossos sentidos e forçar um movimento de uma *neoprodução* acadêmica, importada pela invasão de um neocapitalismo junto à vida nas universidades.

O presente artigo traz reflexões sobre as atuais expectativas e exigências que recaem sobre a universidade, enquanto instituição pública que exerce funções formativas, de pesquisa, de extensão, e principalmente, sobre as pessoas que nela convivem. Neste caso, pós-graduandos. E que nos leva a questionar o que tem sido feito, em termos de políticas públicas, no sentido de contribuir para o equacionamento dos múltiplos fatores que impactam o ensino superior e seus protagonistas, visando a superação dos problemas delas decorrentes, principalmente pelos modelos de administração que adotam (BRITO; CORTELA, 2020).

Neste sentido, nos preocupa também fatores já apontados por Abreu *et al.* (2021), numa pesquisa que analisou fatores associados ao aumento nos índices de suicídio entre alunos de pós-graduação, em função, também, das peculiaridades e demandas dos programas e que predis põem ao sofrimento psíquico e adoecimento mental.

As reflexões e resultados de pesquisa aqui apresentados têm origem em estudos mais amplos, realizados com intuito de levantar e discutir problemáticas relativas à formação de professores para o ensino superior, visando compor um panorama sobre o processo de constituição da identidade docente em diferentes tempos e espaços formativos, a partir da aquisição e mobilização de saberes (CORTELA, 2016; CORTELA, CORTELA, 2018; CORTELA, GEBARA, FERRARI, 2022).

Do exposto, pretendemos discutir os impactos das atividades acadêmicas, formativas e laborais na Qualidade de Vida (QV) de pós-graduandos, tendo como perspectiva as opiniões de uma amostra de estudantes iniciantes de um programa de referência na área de Ensino de Ciências e Matemática, durante o ano de 2019. Mas, como será percebido ao longo dos argumentos apresentados, as problemáticas elencadas não diferem muito daquelas encontradas em cursos de pós-graduações de outras áreas do conhecimento (ANDRÉ, 2007; FARO, 2013).

Considerando que os estressores presentes na pós-graduação não parecem se restringir a um curso em particular ou a um campo do saber, e intuindo-se que estes fatores tendem a se expandir e agravar em função do processo de distanciamento social e da realização de trabalhos remotos, entre 2020 e 2022, decorrentes do avanço da COVID-19 em todo o mundo, torna-se ainda mais relevante e necessário refletir e buscar

possibilidades de enfrentamento para esses problemas, em bases científicas (ARAUJO FILHO, MARANHÃO, 2020).

Assunção *et al.* (2021) realizaram um estudo observacional, prospectivo e participativo em um grupo do *Facebook*, que se propunha a discutir sobre a atual situação da educação no ensino superior. O mesmo estava vinculado a essa rede social desde 2017 e era composto por 47.191 membros, entre professores e alunos de diversos Programas de Pós-Graduação do país. Os resultados demonstraram que pós-graduandos, cujas conversas foram analisadas, sofreram um grande impacto, decorrente da não só do distanciamento social, perdas familiares e/ou monetária, mas também por quebra da rotina de atividades e atingindo a saúde mental. Expõem que as adaptações emergenciais adotadas nas metodologias de ensino na Pós-Graduação apresentaram inadequações; que ocorreram muitas dificuldades durante as práticas pedagógicas e de laboratórios, em decorrência do uso possivelmente inadequado das tecnologias, entre outros fatores estressores.

Em todos os sentidos, o distanciamento social (ou ausência dele) se reflete na QV das pessoas não somente por causa dos impactos financeiros, de acesso às condições básicas de moradia, serviços públicos de saúde, restrições de acessibilidade, entre tantas outras. Mas, também, porque se intensificaram, entre outros fatores: a violência doméstica (VIEIRA, GARICA, MACIEL, 2020); o excesso de trabalho, acumulando rotinas domésticas com as atividades laborais realizadas de forma remota, principalmente entre os professores; além do cuidado com filhos ou familiares do grupo de risco. Nesse sentido, “[...] os indivíduos submetidos ao isolamento social estão mais suscetíveis a apresentar transtornos de saúde mental, devido à privação e contenção social, surgindo sintomas de sofrimento psíquico, em especial, relacionado ao estresse, ansiedade e depressão (PEREIRA, *et al.*, 2020).

Diante desse retrospecto, esse artigo apresenta e discute aspectos intervenientes na QV de uma amostra de pós-graduandos de um programa de Pós-graduação *stricto sensu*, referência na área de Ensino, ainda antes do período pandêmico, tendo como perspectiva investigações realizadas por outros autores. Além da ampliação do campo de conhecimentos, outra intenção é que os processos e os resultados aqui apresentados sirvam como subsídios para que os gestores de programas de pós-graduação, seus docentes e discentes, caso queiram, possam elaborar estratégias de enfrentamento, visando a melhoria da QV dos envolvidos, e por consequência, a qualidade das pesquisas realizadas.

O artigo está organizado a partir de quatro enfoques: uma apresentação do cenário atual da pós-graduação, no que diz respeito à competitividade e ao estresse associado às diferentes atividades que os pós-graduandos desenvolvem durante o curso, considerando as perspectivas de diversos autores; conceitos relativos à QV e possíveis formas de mensuração; descrição e análise de dados constituídos na pesquisa; e alguns desdobramentos, visando o enfrentamento dos fatores detectados.

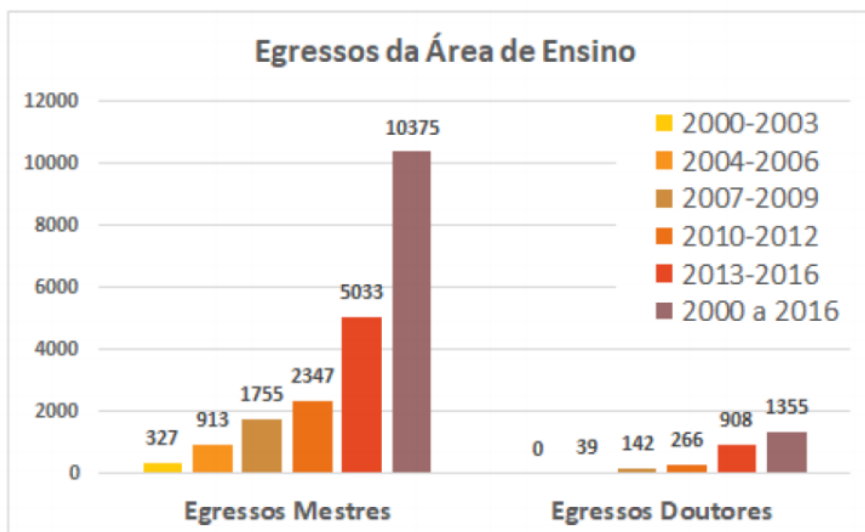
Pós-graduação: um cenário em expansão e de tensões

Desde os anos de 1970 o número de cursos e de alunos de pós-graduação têm se expandido, ano a ano. Pesquisa realizada por Rocha e Seraine (2020), constatou que de 1996 a 2014, o número de programas de mestrados no Brasil cresceu em 205%, isto é,

passou de 1.187 em 1996 para 3.620 em 2014. Levantamento realizado junto à CAPES/MEC⁷ aponta que, atualmente, são 122.295 estudantes de pós-graduação, dos quais 76.323 estão cursando o mestrado acadêmico, 4.008 o mestrado profissional e 41.964 de doutorado. O estado de São Paulo tem mais da metade dos futuros doutores, 21.161 dos 41.964 alunos; e mais que um terço dos mestres acadêmicos, 27.716 dos 76.323.

No que diz respeito à área de Ensino (Área 46, CAPES), foco de interesse deste artigo, os dados do relatório de 2017⁸, apontam que o aumento significativo de pós-graduandos foi, principalmente, decorrente dos mestrados profissionais, sendo que esses já apresentam tendência de queda: representavam 55% em 2009, 53% em 2012 e 52% em 2016.

Figura 1: Mestres e Doutores formados, Área de Ensino (46)



Fonte: Relatório CAPES, Área de Ensino (2017, p.7)

Em decorrência desse constante aumento no número de profissionais formados, intensifica-se também o grau de concorrência visando a empregabilidade no ensino superior. Galvão *et al.* (2007) fizeram uma análise a respeito da empregabilidade de mestres e doutores formados de 1996 a 2014, tanto no sistema público de ensino quanto do privado. De acordo com os dados apresentados pelos autores supracitados, em 2014, os números de doutores empregados e porcentagens de empregabilidade eram, respectivamente: Ciências Humanas (22.277 e 78,6%); Ciências Exatas e da Terra (13.414 e 74,4%); Ciências Biológicas (12.820, e 66,1%); e a grande área Multidisciplinar (4.919 e 77,6%). O setor que mais empregava esses profissionais, à época, era o da Educação, em especial, no Ensino superior: mais de 94 mil doutores, o que equivalia a aproximadamente 75% dos titulados no Brasil entre 1996 e 2014.

A partir de 2014, observa-se uma diminuição no número de concursos públicos para docentes no ensino superior público. Mello e Rezende (2019) consideram esse campo de trabalho preocupante, tendo em vista o mapeamento que realizaram com mais de três mil

⁷ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/180-estudantes-108009469/pos-graduacao-500454045/2583-sp-20210816011> Acesso em: 11. dez. 2020

⁸ Disponível em: <https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/relatorios-finais-quadrinial-2017/20122017-ENSINO-quadrinial.pdf> Acesso em: 24. nov. 2020

editais de concursos públicos para a carreira de magistério superior das 63 universidades federais brasileiras, divulgados entre junho de 2014 e janeiro de 2018, quando identificaram o total de vagas oferecidas por região, estado e instituição e apontam para valores em torno de 15.055 em todo o Brasil. Se levamos em conta o desemprego entre mestres e doutores de todas as áreas, segundo Soares (2019, p.1), o índice chega a 25%. “Mesmo os mais bem qualificados profissionais têm dificuldades para encontrar um emprego no país. Por isso, não é exagero afirmar que o Brasil está formando mestres e doutores para o desemprego”.

E, por consequência desse quadro, agregam mais fatores estressantes para os pós-graduados, que precisam não só estar preparados para as provas de seleção dos concursos, como também para incrementarem seus currículos, uma vez a pontuação dos mesmos se dá, de forma preponderante, sobre as publicações de artigos em revistas de referência, além de capítulos de livros e participação em eventos da área.

Ao lado do crescimento no quantitativo de novos pesquisadores, principalmente no que diz respeito aos doutores, a presença do Brasil na produção científica mundial também aumentou bastante nos últimos 30 anos. Dados de relatório (BRASIL, 2010) apontam que, desde 1982, o país exibe um aumento médio anual de 10,5% na produção de artigos científicos, o que significa uma taxa de crescimento três vezes maior que a média mundial no mesmo período.

Para alguns autores (ANDRÉ, 2007; MOREIRA, 2009), o principal dilema enfrentado por estudantes, orientadores e coordenadores de pós-graduação é a constante necessidade de aumento no volume de produção escrita; e isso leva a uma cultura de produtivismo e quantitativismo, bastante criticada não só pela sobrecarga aos pesquisadores, mas também pelo possível empobrecimento qualitativo dos trabalhos publicados, mas que ainda permanece como parâmetro central de avaliação dos programas. Tomamos por produtivismo acadêmico aquilo que Sguissardi (2010) chamou de fenômeno derivado dos processos de regulação e controle, em particular, os de avaliação, caracterizados pela excessiva valorização da quantidade de produção científico-acadêmica, tendo como parâmetro de qualidade daquilo que foi produzido, o *qualis* do periódico em que foi publicado.

Apesar de considerarmos importante que os programas sejam avaliados, no sentido de atingirem cada vez mais níveis de excelência para qualificar o campo investigativo, há um indesejado tributo a ser pago por essa escalada, no que diz respeito à produtividade: os pós-graduandos e seus orientadores têm estado sob forte pressão visando o aumento da quantidade de publicações, que impacta não somente os indivíduos, mas, também interfere na quantidade de bolsas e financiamentos para pesquisa, uma vez que programas mais bem avaliados recebem mais verbas, responsabilizando ainda mais os envolvidos.

A competição é naturalizada, tornando-se a regra. A escassez de recursos para pesquisa (e para o trabalho docente em geral) também é naturalizada e se transforma em realidade que avaliza a “competência” dos que conseguem acessar tais recursos. E o resultado dessa dinâmica traz consequências comuns ao mundo do trabalho, tais como o estresse, o estado permanente de cansaço, a depressão e até o suicídio (MÉIS, 2003, citado por BOSI, 2007).

Este cenário é decorrente daquilo que Cunha e Wolff (2006, p. 54) já alertavam. “O momento histórico que hoje vivemos tem se caracterizado por uma pressão das políticas

neoliberais, instituidoras de uma ideologia reproduzida pelos governos e utilizada como fonte de planejamento e ações". Acredita-se que isso tem ocorrido no campo das políticas públicas educacionais, que adotaram características organizativas, administrativas e de resultados, presentes no campo empresarial.

Esse processo se intensificou e agravou nos quatro últimos anos. Sabe-se que há, principalmente por parte do governo federal do Brasil e de instituições educacionais privadas, nítidas tentativas de desmanche das instituições públicas de ensino superior em decorrência não somente dos cortes de verbas e financiamentos, numa clara intenção de desqualificar a pesquisa nacional, tanto seus resultados quanto seus propositores (LOMBA, 2019).

Faro (2013) e Santos *et al.* (2020) apontam que ainda eram poucos os estudos dedicados à elucidação de quais eram os principais estressores e o índice de estresse em estudantes de pós-graduação no Brasil. Visando contribuir neste sentido, Faro (2013), realizou um estudo identificando e discutindo os fatores estressantes da pós-graduação. Responderam a um questionário, de forma virtual, 2.157 pós-graduandos (*stricto sensu*), entre mestrandos e doutorandos de 66 instituições por todo o Brasil, perfazendo mais de 100 programas de pós-graduação. Os dados construídos apontaram que 24,2% dos participantes se encontravam num nível alto de estresse e 22,6% no muito alto, perfazendo 46,8% da amostra. Ou seja, quase metade dos participantes estava estressado.

Faro (2013) aponta alguns estudos que mostram que o estresse, quando acentuado, impacta o desempenho dos pós-graduandos, afetando não apenas questões de memorização, concentração e atenção, mas também a qualidade dos relacionamentos interpessoais, prejuízos na articulação de ideias e da capacidade criativa, e pode também ser um facilitador de episódios depressivos, transtornos de ansiedade e de sono, dentre outros distúrbios associados.

Os resultados da pesquisa supracitada apontam que as oito maiores preocupações dos seus entrevistados eram: 1. Pressão interna pelo bom desempenho; 2. Interferência dos estudos sobre outros aspectos de sua vida; 3. Pressão externa acerca da conclusão; 4. Possibilidade de não atingir o desempenho esperado pela banca; 5. Questões financeiras por estar estudando em tempo parcial ou integral; 6. Tempo para concluir a tese ou dissertação; 7. Questões relativas ao calendário e prazos da pós-graduação; e 8. Possível decepção quanto à inserção profissional futura. Quanto às dificuldades dos participantes, entre as 14 detectadas, as mais estressantes foram: 1. Aspectos financeiros pessoais; 2. Compatibilizar os estudos com a vida pessoal e familiar; 3. Tempo para estudar; 4. Pressão para publicação.

Corroborando, Abreu *et al.* (2021, p.20) apontam que fatores acadêmicos, relativos à pós-graduação, tais como "[...] cobranças intensas quanto à produção de artigos, produção da tese e/ou dissertação, recursos escassos para financiamento científico dentre outros têm sido descritos na literatura científica como potencializadores no desenvolvimento de sofrimento psíquico", apesar de não ser determinante.

Compreendemos que todos estes fatores anteriormente elencados se constituem em elementos estressores, que incidem principalmente sobre a QV dos estudantes e, por consequência, podem impactar a qualidade de seus trabalhos e tempo de permanência (ou evasão) no curso. Quanto a esse último quesito, dados apresentados por Magalhães e Real (2017) apontam para um crescimento nas taxas de evasão (abandono + desligamento) em

curso de pós-graduação acadêmico (2016 em relação à 1988), sendo essas taxas de 165% no doutorado e 55% em cursos de mestrado.

Qualidade de vida: escolhas conceituais e a preparação do instrumento de constituição de dados

O conceito de QV foi se modificando ao longo de um processo civilizatório. O uso de tal terminologia é datado do início do século vinte, advindo de uma abordagem economicista e baseado em indicadores sociais de época, tais como: rendimentos *per capita*; níveis de consumo; sinais exteriores de riqueza entre outros, que levaram a uma compreensão bastante limitada sobre tal fenômeno.

Na segunda metade do século XX, os avanços das diversas áreas de estudo da condição humana tiveram papel decisivo na ampliação do sentido e conceito dado à QV, passando a entender tal termo como complexo, que não pode se restringir às condições de um indivíduo e, sim, de um grupo. Ou seja, a terminologia ganha uma condição multirreferencial e passa a ser compreendida como multidimensional, ou seja, supera a visão de saúde como sendo o oposto de enfermidade, fazendo com que diferentes indicadores possam ser considerados.

A forma como é abordada e os indicadores adotados estão diretamente ligados aos interesses científicos e políticos de cada estudo e área de investigação, bem como das possibilidades de operacionalização e avaliação (PEREIRA *et al.*, 2012, p.1).

Assim, escolhemos como referência a concepção de QV defendida pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 1988), que a considera como sendo a percepção do indivíduo sobre sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Nesse mesmo sentido, Cieslak *et al.* (2007) definem a QV como sendo um conjunto de fatores que influenciam na vida humana, tais como: bem-estar físico, mental, psicológico e emocional; renda familiar, alimentação, transporte e carga horária de trabalho.

Quando voltamos nosso interesse para a QV dos pós-graduandos, fizemos um exercício de tentar percebê-la a partir dos elementos anteriormente elencados, adotando uma perspectiva crítica a respeito do uso do conceito e suas potencialidades. Compreendemos que as relações estabelecidas entre as demandas do mundo do trabalho, familiares e acadêmicas engendram uma relação complexa com o modo de vida e se refletem na QV de vida dessas pessoas, podendo potencializar outros efeitos, como por exemplo, o adocimento, o abandono do curso e o desgaste das relações interpessoais.

Visando mensurar os diferentes fatores que interferem na QV, adotamos como instrumento um dos já validados OMS: o WHOQOL-BREF. Trata-se de uma versão simplificada do WHOQOL-100, pela necessidade de instrumentos curtos, que demandassem pouco tempo para seu preenchimento, mas com características psicométricas satisfatórias. Trata-se de um questionário composto por 26 questões, sendo duas delas gerais e 24 específicas. As gerais (1. Quanto você tem se preocupado com sua saúde? e 2. Como você avalia sua qualidade de vida?), compõem o indicador Autoavaliação da qualidade de vida. As outras 24 questões estão associadas a quatro domínios: Físico, Psicológico, Relações Sociais e Ambiente. Cada um desses domínios é composto por aspectos relativos à QV, indicados no Quadro 1.

Quadro 1 – Domínios e facetas do WHOQOL- BREF

Domínios	Facetas
Domínio I - Físico	1- Dor e Desconforto/ 2- Energia e fadiga/ 3- Sono e repouso/ 4- Mobilidade/ 5- Atividades da vida cotidiana/ 6- Dependência de medicação/ 7- Capacidade de trabalho
Domínio II - Psicológico	1- Sentimentos positivos/ 2- Pensar, aprender, memória/ 3- Autoestima/ 4- Imagem corporal/ 5- Sentimentos negativos/ 6- Espiritualidade
Domínio III – Relações Sociais	1- Relações pessoais/ 2- Apoio social/ 3- Atividade sexual
Domínio IV - Meio Ambiente	1- Segurança física/ 2- Ambiente no lar/ 3- Recursos financeiros/ 4 - Cuidados de saúde/ 5- Informação/ 6- Recreação e lazer/ 7- Ambiente físico/ 8- Transporte

Fonte: Adaptado de Fleck *et al.* (2000)

As respostas às perguntas são dadas respeitando uma escala tipo *likert*, com base numa classificação psicométrica, apresentando uma proporção que varia de 1 a 5 pontos. O participante responde às situações apresentadas de acordo com seu nível de satisfação e/ou conformidade. Algumas das questões precisam ter seus valores invertidos, uma vez que 1 vai representar o melhor valor e 5 o pior. São elas:

3- Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?

4- O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?

Isso permite, ao final do processo, o cálculo do indicador de QV, seja ele global ou individual, para cada um dos domínios e facetas. Os dados obtidos são tabulados em uma planilha do Excel e dela decorrem gráficos e tabelas estatísticas. Para a análise destes indicadores, o instrumento considera um sistema de pontuação com limites de 1 a 100 pontos, gerado pelo desempenho das respostas. As classificações destes consistem em: muito ruim (de 1 a 20 pontos); ruim (de 21 a 40 pontos); nem ruim nem bom (de 41 a 60); bom (de 61 a 80); e muito bom (de 81 a 100), mantendo uma amplitude de classe de 19 pontos.

A partir de um exercício de análise cuidadoso e qualitativo dos aspectos quantitativos detectados pelo instrumento, e considerando toda a dinâmica dos fatores estressantes da pós-graduação já divulgados por outros estudos, procedemos análise dos dados, apresentados a seguir.

Descrição, análise e discussão dos resultados encontrados

No processo de constituir dados e organizá-los para análise, optamos pelo exercício provocado pelo olhar de uma pesquisa quantiquantitativa, por considerarmos que são processos que não podem ser vistos de maneira antagônica e sim, a depender do que se pretende investigar, como complementares, na tentativa de interpretar os fenômenos sociais. Isso implica dizer que a presente pesquisa se valeu de instrumentos da ordem estatística visando levantar indicadores da QV dos participantes e, ao mesmo tempo, engendrou esforços no sentido de apresentar os elementos estressores da pós-graduação,

já estudados por outros autores, efetuando um exercício de convergência entre as possibilidades interpretativas sobre o observado.

Dito isto, vamos situar os participantes e contexto de realização. Em 2019 ingressaram no programa de pós-graduação (*locus* da pesquisa) 59 estudantes, sendo 29 doutorandos(as) e 30 mestrandos(as). Trata-se de um programa acadêmico, referência na área de Ensino de Ciências e Matemática e que já tem cerca de 25 anos de existência. Participaram da pesquisa 16 alunos(as) que cursaram uma disciplina (campo da pesquisa), ministrada por uma das autoras. Tendo em vista que a maioria dos(as) pós-graduandos(as) deste programa cursa as disciplinas no ano de ingresso, geralmente três em cada semestre, a amostra representa 27,12% do universo pesquisado.

Durante todo o semestre, a docente redigiu notas de campo visando registrar aspectos relevantes perceptíveis em comportamentos e falas dos participantes, no que dizia respeito às suas dificuldades e avanços em relação às atividades acadêmicas. Já a aplicação do questionário sobre QV ocorreu no momento de fechamento de semestre. Vale destacar que o ambiente de trabalho foi produtivo, as relações interpessoais eram harmônicas e o empenho e desempenho dos(as) estudantes foram altos. Ou seja, todos os(as) alunos(as) concluíram com conceitos A ou B (muito bom e bom); com assiduidade acima de 90%; entrega de trabalhos acima de 95% do total solicitado e com ampla participação em sala de aula.

Eram 10 homens e seis mulheres (62,5% e 37,5%, respectivamente), uma proporção que não é compatível com o perfil discente do Programa de pós-graduação em questão, já levantado por Audi e Cortela (2020) e que aponta uma tendência mais feminina (62,9% no mestrado e 52,9% no doutorado), corroborando dados apresentados pela CAPES sobre o Sistema Nacional de Pós-Graduação⁹, que mostram que as mulheres são maioria nessa modalidade da educação brasileira, com uma diferença aproximada de 15%.

Desses 16 participantes, apenas cinco eram bolsistas (31,25%). Todos os demais (68,75%) trabalhavam como professores(as), a maioria nos ensinos fundamental e médio, e seis no ensino superior. Cursavam duas ou três disciplinas durante o semestre, além da escrita de suas pesquisas. Quanto à primeira graduação, seis eram formados em Física, três em Biologia, três de Química, dois em Matemática, dois em Pedagogia; suas idades variaram entre 24 e 42 anos, sendo que a maioria estava na faixa entre 27 e 32 anos, solteiros e sem filhos, moradores na cidade onde estudavam.

Após assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido, 15 dos 16 participantes responderam a um questionário impresso e que foi entregue durante a última aula do segundo semestre de 2019. Um deles faltou neste dia. O preenchimento durou entre 15 e 25 minutos. As informações foram tabuladas, gerando os gráficos e tabelas estatísticas, dados que serão apresentados e analisados a seguir.

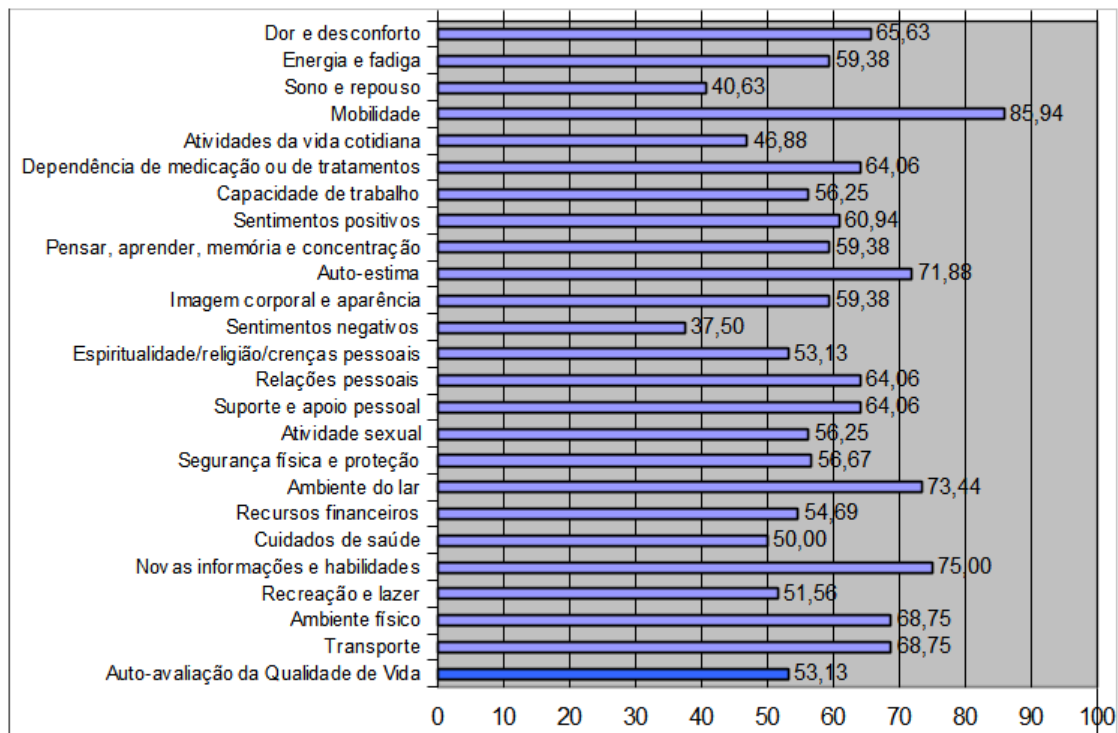
Quanto à QV de vida, o Gráfico 1 apresenta a pontuação em cada uma das 24 facetas dos diferentes domínios, sendo a última uma autoavaliação da QV.

Com base nos critérios propostos para análise das facetas, anteriormente citados, três dos resultados (representando 12,5% delas) são bastante preocupantes, por apresentarem valores ruins: 1. Dor e desconforto (cálculo de modo inverso: $100 - 65,63 = 34,37$); 2.

⁹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/45981-no-brasil-mulheres-sao-maioria-nos-cursos-de-pos-graduacao#>. Acesso em: 14. dez. 2020

Dependência de medicamentos (cálculo de modo inverso: $100 - 64,06 = 35,94$). Ou seja, a maioria os pós-graduandos desta amostra se sentiam, à época, doentes e faziam uso de medicamentos. Pela proximidade dos valores (34,37 e 35,94), intui-se que a maioria buscou orientações médica. Não foram questionados sobre o tipo de doença que enfrentaram, mas dados apresentados por Abreu *et al.* (2021) apontam que, entre os pós-graduandos de diferentes áreas e de 26 países, 39% apresentavam quadros de depressão e 41% de ansiedade moderada a grave. Sobre os cuidados com a saúde, os valores estavam em 50 pontos.

Gráfico 1: Índices, por facetas, de homens e mulheres



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como já dito, 68,56% deles (as) trabalhavam e todos (as) cursavam duas ou três disciplinas na pós-graduação naquele semestre. E, além das atividades necessárias para o desempenho nas mesmas, dedicavam-se às suas investigações e interesses de seus grupos pesquisa, além de seus afazeres e responsabilidades domésticas, numa sobrecarga de atividades. Isso também vai ao encontro das dificuldades de pós-graduandos elencadas por Faro (2013) e dos elementos estressores apontados por Soares *et al.* (2020) e Abreu *et al.* (2021).

Outras onze facetas (representando 45,83% das mesmas) apresentaram indicadores considerados nem bons e nem ruins. Mas, é importante observar que dentre essas, os índices que apontam para uma quantidade baixa para sono e repouso (40,63 pontos) e para a capacidade de realização das atividades cotidianas (46,63 pontos), indicam valores próximos do limite inferior desta classe, que é 41. Estas facetas pertencem ao domínio Físico. Outras como cuidados com a saúde, e recreação e lazer estão próximas de 52 pontos, que também estão distantes do limite superior que é 60, e fazem parte do domínio Ambiente.

Ou seja, em 14 das 24 facetas analisadas (58,33% delas) os valores indicam para uma QV mediana/baixa. Valores esses que contemplam e superam (negativamente), aqueles

encontrados por Faro (2013), que apontavam que 46,8% da amostra analisada por ele estava estressada; e também a de Abreu *et al.* (2021), mencionada anteriormente.

Nove das facetas (37,5% delas) apresentam bons valores, sendo que quatro delas têm relação com o domínio Ambiente, duas com Relações Sociais, três com o Psicológico. E somente uma é muito boa (4,17% das facetas), a Mobilidade. Esse índice elevou a média geral do domínio Físico para cima e observa-se que, apesar disso, este valor para os homens é pior que o das mulheres (ver gráfico 2).

Os gráficos 2 e 3, representam as facetas já agrupadas em domínios e foram gerados visando análises comparativas, separadas por sexo.

Gráfico 2: Dados masculinos, por domínio

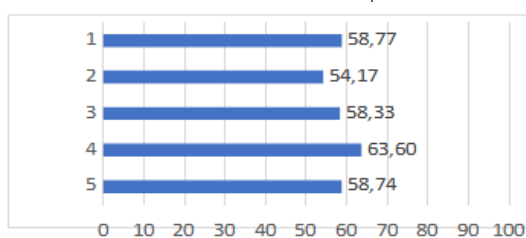
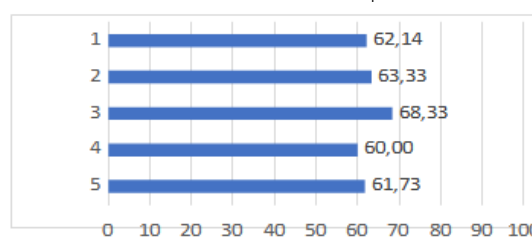


Gráfico 3: Dados femininos, por domínio



Fonte: Elaborados pelos autores.

Os resultados apontam, numa perspectiva geral, que a QV das mulheres é superior à dos homens em cerca de dois pontos. No entanto, ambas bem próximas a 60, valor considerado nem bom e nem ruim, dentro dos parâmetros adotados. Ambos os valores estão acima da autoavaliação geral, 53,13 (Gráfico 1), indicando que os participantes se percebem pior do que os indicadores mostram.

Em todos os domínios, os índices femininos estão acima dos masculinos. No entanto, a diferença em relação aos domínios Psicológico (9,16 pontos) e o de Relações Sociais (10 pontos) são bastante elevados, de modo a permitir inferir que as mulheres desta amostra apresentam maior equilíbrio em relação aos sentimentos positivos e negativos, uma imagem corporal e espiritualidade que lhes permite uma autoestima mais elevada e relações sociais, que envolvem redes de apoio e satisfação sexual de melhor qualidade, levando em consideração as facetas de cada um desses domínios. Tudo isso faz com que esses elementos estressores sejam minimizados e, por consequência, que a autoavaliação da QV delas esteja melhor, apesar de não chegar ao nível considerado bom, ou seja, com valores de 61 a 80 pontos.

Interessante notar que, embora estejam abaixo em todos os outros, para o domínio Ambiente o valor masculino é levemente superior ao das mulheres (3,60 pontos). Dados comparativos apontam que as facetas: ambiente no lar (75 para homens, 70 para mulheres), recursos financeiros (59,09 e 45, respectivamente); cuidados de saúde (56,82 e 35, respectivamente); ambiente físico (70,45 e 65, respectivamente) foram as mais significativas neste domínio. Infere-se, daí, que os homens desta amostra têm um ambiente no lar mais favorável, que apesar de terem a mesma profissão, apresentam rendimentos e/ou despesas bastante diferenciadas; que as mulheres cuidam bem menos da própria saúde e que se encontram (ou se percebem) em ambientes físicos similares de maneira distinta.

Importante também é analisar dados estatísticos (Quadros 2 e 3, a seguir) referentes aos gráficos 2 e 3 apresentados anteriormente. Pelos valores das amplitudes das respostas, diferença entre os valores máximos e mínimos, pode-se inferir que o perfil de resposta dos

homens é bem mais heterogêneo que o das mulheres (7,69 para 5,38), ou seja, que percepção dos homens desta amostra apresenta maior variação; que a maior diferença, para ambos os sexos, se deu em relação aos domínios Psicológico (10 para ambos) e Relações Sociais (12 para os homens), indo ao encontro do que já apontava Faro (2013), em relação aos fatores estressantes, que perpassam as atividades de relativas os trabalho, à academia, com base em expectativas internas e externas, permeadas pelas relações familiares, econômicas e sociais.

Independente do sexo, observa-se que a autoavaliação sobre a QV desta amostra de pós-graduandos é mediana: o valor é 53,13 (ver gráfico 1). A amplitude para ambos os sexos, em relação a este item é oito pontos, ou seja, os valores variaram entre 45,13 (ruim) e 61,13 (quase o valor limite do mediano e bom).

Quadro 2: Análise estatística dos dados masculinos

Domínio	Média	Desvio padrão	Coefficiente de variação	Valor mínimo	Valor máximo	Amplitude
Físico	13,57	3,01	22,20	8,00	17,14	9,14
Psicológico	13,13	3,35	25,55	8,00	18,00	10,00
Relações Sociais	13,83	3,40	24,61	6,67	18,67	12,00
Meio Ambiente	14,00	2,75	19,64	10,00	19,00	9,00
Autoavaliação da QV	12,50	3,14	25,13	8,00	16,00	8,00
TOTAL	13,55	2,72	20,11	9,38	17,08	7,69

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 3: Análise estatística dos dados femininos

Domínio	Média	Desvio padrão	Coefficiente de variação	Valor mínimo	Valor máximo	Amplitude
Físico	13,94	2,51	18,00	10,29	16,57	6,29
Psicológico	14,13	3,87	27,38	8,00	18,00	10,00
Relações Sociais	14,93	2,19	14,67	13,33	18,67	5,33
Meio Ambiente	13,60	2,82	20,70	10,00	17,50	7,50
Autoavaliação da QV	12,40	3,29	26,50	8,00	16,00	8,00
TOTAL	13,88	2,47	17,83	11,08	16,46	5,38

Fonte: Elaborado pelos autores

Foi possível detectar também, por meio de notas de campo registradas durante as aulas, que à medida que o semestre transcorria, a proximidade com o final do ano incrementou o nível de estresse dos estudantes, assim como apontam outros autores (ASSUNÇÃO *et al.*, 2021; FARO, 2013; SANTOS *et al.*, 2007). Isso já era intuído, pois durante aquele semestre os alunos explicitaram, em diferentes momentos, suas preocupações e dificuldades a respeito do processo de reelaboração de seus projetos de pesquisa; sobre a prova de proficiência em inglês; sobre a escrita de trabalhos; acompanhamento das disciplinas; relações com seus orientadores, familiares, entre outras. Neste sentido, entende-se que as exigências relativas ao cumprimento de prazos, além da própria tensão e expectativas acerca da vida profissional após o término do curso, contribuíram para os índices obtidos, decorrentes da elevação no estresse, indo ao encontro do que apontaram Louzada; Silva Filho (2005) e Abreu *et al.* (2021)

Tendo como perspectiva toda literatura estudada sobre fatores estressores de pós-graduandos, os dados decorrentes da pesquisa realizada e os resultados aqui apresentados, têm-se um cenário formativo. Entretanto, mais do que refletir e explicitar como este enredo

se processou, as reflexões a seguir visam apontar alguns caminhos buscando amenizar/solucionar alguns pontos frágeis do processo, como forma de conclusão.

Possíveis desdobramentos visando o enfrentamento dos fatores detectados

A investigação sobre esta temática e a divulgação de resultados são apenas um dos passos necessários ao enfrentamento da situação aqui descrita e que não difere da maioria dos cursos de pós-graduação do país, tendo em vista o que apontam diversos autores aqui referenciados.

Os resultados e os estudos realizados apontam que questões relativas à QV e suas relações com o produtivismo acadêmico, entre outras aqui discutidas, não são novas: já estavam presentes antes do período pandêmico, acreditando que hoje estão aumentadas, em decorrência também do modo como o ensino remoto foi praticado durante o distanciamento social. Consideramos que foi possível explicitar uma relação direta entre os fatores estressores já detectados em pesquisas anteriores (ASSUNÇÃO *et al.*, 2021; FARO, 2013; SANTOS *et al.*, 2007) e a baixa/média QV apresentada por esta amostra de estudantes.

Acreditamos que os dados evidenciam que se faz necessária uma reflexão profunda sobre os princípios que devem nutrir a vida na universidade. Há algum tempo, as pesquisas já anunciam que o produtivismo e o fator tempo, ou melhor, a falta dele em decorrência da aceleração dos processos, são realidades cruzadas e confundidas na vida profissional não só dos docentes de universidades públicas, em função dos modelos administrativos nelas adotados, em sua maioria pautados na pesquisa/ensino/extensão/gestão, mas, também na vida dos pós-graduandos.

Compreende-se que as políticas adotadas pela CAPES, por meio de seus instrumentos avaliativos, mostram uma concepção de pós-graduação, por parte do grupo gestor, que favorece a manutenção de um sistema de elite, na medida em que busca a permanência baseada na meritocracia. Neste sentido, defendemos que os programas de pós-graduação, e suas respectivas universidades, devam propor movimentos visando novas formas de avaliação e divulgação dos conhecimentos produzidos. Dialogar com as políticas estabelecidas pelas CAPES e/ou por outros órgãos de fomento é, no mínimo, uma condição necessária no plano concreto atual.

Boa parte dos participantes da pesquisa aqui descrita era composta por mestrandos que iniciaram a carreira acadêmica e alguns doutorandos. Percebeu-se, não só em decorrência dos resultados nem ruins e nem bons (de acordo com os critérios sobre QV aqui adotados) apresentados para a autoavaliação da QV que, para além dos participantes estarem imersos em fatores estressantes, sentiam-se pressionados, naquele momento, principalmente em decorrência do pouco contato com seus orientadores; também porque a maioria dos participantes estava trabalhando como professores e com alta demanda para finalização do semestre letivo; também estavam comprometidos com os trabalhos de conclusão das disciplinas e com suas responsabilidades familiares.

O que os dados apresentados mostram, corroborados pela literatura estudada, é um cenário de tensão e concorrência, não só entre pós-graduandos (e seus orientadores), no sentido da concessão de bolsas, empregabilidade, produção, entre outras, onde muitos

fatores estressantes, já apontados por pesquisas realizadas há quase uma década, permanecem e são ampliados. Um grande volume de trabalho associado a prazos, geralmente curtos, para entrega de produções, a rotina intensa de estudo, tanto acadêmicos quanto laborais e familiares, os recursos limitados (poucas bolsas e baixos salários), além de relações sociais fragilizadas e conflitantes (com seus orientadores/professores), são elementos que contribuíram para o agravamento da saúde mental e física dos participantes.

Esses fatores estressantes são decorrentes não somente das condições físicas/materiais oferecidas aos alunos, mas também de fatores ligados à própria estrutura da pós-graduação brasileira, seus graus de exigência, uns necessários e outros questionáveis, por já não atenderem tanto ao perfil do profissional a ser formado, muito volátil, quanto as características de aprendizagem da geração dos alunos cursistas. As mudanças pretendidas, por vezes, atendem aos interesses do capital, num processo de aligeiramento formativo, intensificação da especialização em detrimento ao aprofundamento, visado manter um *status quo*.

Acreditamos que todos estes elementos, antes da pesquisa intuídos e agora mensurados, devem ser de conhecimento dos gestores dos Programas, de modo a subsidiar discussões para possíveis enfrentamentos. Assim, também foi elaborado e enviado, em forma de relatório informativo, um documento ao Conselho da Pós-graduação em questão, visando equacionar possíveis saídas coletivas, buscando a melhoria da qualidade de vida não só dos alunos, como também dos docentes/orientadores. E, por consequência, aprimoramento da qualidade das pesquisas realizadas.

Vale ressaltar, em relação aos argumentos anteriormente expostos, que reconhecemos que a pesquisa acadêmica tem seu ritmo natural de depuramento/catarse. Também, a interpretação mais fidedigna da realidade que se analisa exige do pesquisador não somente referenciais teóricos e metodológicos adequados, mas também um certo distanciamento, ao mesmo tempo em que busca aproximar os contextos de produção dos dados, visado uma análise mais aprofundada e holística. Isso, de certa forma, faz com que o processo de pesquisa e a divulgação dos resultados destoem da rapidez com que fatos novos ocorrem, em qualquer um dos campos do conhecimento. Isso parece ser esquecido dentro das políticas da pós-graduação.

Em Educação, este descompasso parece levar a uma falsa sensação de a pesquisa olhar o tempo todo para o retrovisor, ao invés de para novos horizontes. Mas, o processo reflexivo sobre as ações é importante dentro de uma perspectiva formativa, visando pautar as novas ações a serem empreendidas em conhecimentos científicos e competências profissionais atuais.

Referências

ABREU, E. K.N, M.; ESPINOSA, M.M; KOGIEN, M.; VALIM, MD, NASCIMENTO, F.C.S. Factors associated to suicide risk in stricto sensu postgraduate students: a cross-sectional study. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 2021.

ANDRÉ, M. Desafios da pós-graduação e da pesquisa sobre formação de professores. *Educação & Linguagem*, v.10, n.15, p. 43-59, 2007.

ARAUJO FILHO, A. C. A.; MARANHÃO, T. A. COVID-19 no contexto global de saúde. *Revista Enfermagem Atual in derme*. Edição Especial COVID19, 2020, Editorial.

ASSUNÇÃO, A.V; PITTA, N. C; CINTRA, A. S; CORSI, C. A C; QUEIROZ, A. A. F. N. L; FERNANDES, A. P. M. Impacto da Covid-19 em alunos de pós-graduação. *Olhares & Trilhas*, vol.23, n.2, 2021.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). *Plano de ação em ciência, tecnologia e inovação*: principais resultados e avanços. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2010. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/676>. Acesso em: 24 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). *Relatório de Avaliação Quadrienal 2017-Ensino*. Disponível em: <https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/relatorios-finais-quadrienal-2017/20122017-ENSINO-quadrienal.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2020.

BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. *Educ. Soc.* v. 28 n.101, p.1503-1523, 2007.

BRITO, T. T. R; CORTELA, B. S. C. A condição da docência universitária no contexto atual das universidades: marcas históricas, realidade e perspectivas. *Revista de Iniciação à Docência*, v. 5, n. 1, 2020.

CIESLAK, F. et al. Relação do nível de qualidade de vida atividade física em acadêmicos do curso de educação física. *Fitness and Purance Journal*, v.18, n.6, p. 317-319, 2007.

CORTELA, B. S. C. Práticas inovadoras no ensino de graduação na perspectiva de professores universitários. *Rev. Docência Ens. Sup.*, v. 6, n. 2, p. 9-26, 2016.

CORTELA, B. S. C; CORTELA, C.C. O processo de construção da identidade docente na perspectiva de alunos de pós-graduação em educação para ciência. *Reflexões em ensino de ciências* - vol. 3 – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

CORTELA, B. S. C; GEBARA, G.; FERRARI, T. Desafios e dificuldades de docentes universitários iniciantes na área de Ciências da Natureza e o potencial formativo do estágio de docência. *Revista Internacional de Educação Superior*. v. 10, p. e024006, 2022.

CUNHA, M. I.; WOLFF, Trilhas investigativas: localizando a inovação na prática pedagógica da universidade. In: CUNHA, M. I. (Org.) *Pedagogia Universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2006. p. 31-45.

FARO, A. Estresse e Estressores na Pós-Graduação: Estudo com Mestrandos e Doutorandos no Brasil. *Revista de Psic.: Teor. e Pesq.* v. 29, n. 1, p. 51-60, 2013.

FLECK, M. P. A. et al. O instrumento de avaliação de qualidade de vida abreviado da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-breve): aplicação da versão em português. *Revista de Saúde Pública*, v. 22, n. 2, 2000.

GALVÃO, A. C. F. et al. O quadro recente de emprego dos mestres e doutores titulados no Brasil. *Parc. Estrat.* v. 21, n. 43, p. 147-172, 2016.

GUERRA, A. *Contribuições dos programas de Pós-Graduação stricto sensu em ciências e matemática para a docência no ensino superior: das propostas às vozes dos coordenadores*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Jequié, 2016.

- LOMBA, E. R. Educação e Precarização do Presente: ensaio sobre a pedagogia empresarial no Brasil. *Revista Espaço Livre*, v. 14, n. 28, 2019.
- LOUZADA, R. C. R.; SILVA FILHO, J. F.S. Formação do pesquisador e sofrimento mental: Um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*, v. 10, n. 3, p. 451-461, 2005.
- MAGALHÃES, A. M. S.; REAL, G. C. M. A evasão no contexto da expansão da pós-graduação *stricto sensu*: uma discussão necessária. *Perspectiva*, v. 38, n. 2, p. 1-18, 2020.
- MELLO, L.; RESENDE, U.B. Concursos públicos para docentes de universidades federais na perspectiva da Lei 12.990/2014: desafios à reserva de vagas para candidatas/os negras/os. *Soc. Estado*. v.34, n. 1, p.161-184, 2019.
- MERTON, R. K. El efecto Mateo en la ciencia. In: MERTON, Robert King. *La Sociologia de la Ciencia*. Madrid: Alianza Editorial SA, 1977, p. 554-578.
- MOREIRA, A. F. Cultura da performatividade e a avaliação da pós-graduação em educação no Brasil. *Educação em Revista*, v. 25, n. 3, p. 23-42, 2009.
- OMS. *Promoción de la salud*: glosario. Genebra: OMS, 1998.
- PEREIRA, M. D. *et al.* A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. e652974548, 2020.
- PEREIRA, E.; TEIXEIRA, C. S.; SANTOS, A. dos. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. *Rev. bras. Educ. Fis. Esporte*, v. 26 n. 2, 2012.
- ROCHA, J. S.; SERAINE, B. M. S. A pós-graduação *Stricto Sensu* no Brasil: trajetória de uma política pública. *ECCOM*, v. 11, n. 22, 2020.
- SANTOS, M. M. S. *et al.* Avaliação do nível de estresse e perfil social de estudantes de pós-graduação da área da saúde. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 8, 2020.
- SOARES, A. K. S. *et al.* Avaliando o Papel da Procrastinação Acadêmica e Bem-Estar subjetivo na Predição da Satisfação com o Programa de Pós-Graduação. *Ciências Psicológicas*, v. 14, n. 1, 2020.
- SOARES, I. Desemprego entre mestres e doutores no Brasil chega a 25%. *Estado de Minas Gerais – Economia*. Minas Gerais, 10 mar. 2019.
- SGUISSARDI, V. Produtivismo acadêmico. In: Oliveira, D. A.; Duarte, A.; Vieira, L. (Org.). *Dicionário de Trabalho, Profissão e Condição Docente*. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Educação/UFMG, 2010.
- VIEIRA, P.R; GARCIA, L. P; MACIEL, E.L.N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? *Rev. Bras. Epidemiol*, v. 23, 2020.